

# ALÉM DAS OPRESSÕES URBANAS

*RAÇA, CLASSE E GÊNERO COMO REFERÊNCIAS  
PARA PRÁTICAS E IMAGINÁRIOS DE CIDADES*



## CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Realização



Projeto



Apoio

Laudes ———  
— Foundation

## ALÉM DAS OPRESSÕES URBANAS: RAÇA, CLASSE E GÊNERO COMO REFERÊNCIAS PARA PRÁTICAS E IMAGINÁRIOS DE CIDADES

**O** objetivo deste ciclo de oficinas, com **oito encontros**, é trocar e produzir conhecimentos sobre violações, formas de mobilizações, propostas e conquistas na região metropolitana fluminense. As primeiras oficinas ocorreram nos dias **26, 27, 29 e 30 de outubro de 2020** nas quais foram tratados os **temas** da produção da cidade e as marcas da metropolização; as metamorfoses do mundo do trabalho; a interseccionalidade como instrumento para compreensão das desigualdades urbanas e o gênero como categoria fundamental da organização social. Convidamos a todos a participar dos próximos encontros que irão ocorrer nos dias **26, 27, 28 e 29 de janeiro de 2021**, sempre das **19h às 21h30**.

As(os) participantes preferenciais são militantes, ativistas e defensoras(es) de direitos humanos engajadas(os) em diferentes frentes de lutas por direitos nas cidades. Os conteúdos abordarão a dinâmica das metrópoles, que aprofundam as desigualdades e conflitos de diferentes naturezas. Com destaque para as transformações do associativismo urbano, atravessadas por relações de classe, raça e gênero (interseccionalidade), para enfrentar a metamorfose do mundo do trabalho e o avanço do neofascismo associado ao neoliberalismo.

As cidades contemporâneas expressam a incapacidade do capitalismo financeirizado e do consumismo de assegurar uma vida boa ao conjunto da humanidade. É sabido que entre o declínio da sociedade medieval e a ascensão da era moderna, se anunciou que “o ar da cidade liberta”. Com a emergência do capitalismo industrial, esse anúncio foi perdendo significado. O ar da cidade ficou denso, carregado de opressão e conflitos entre empregados(as) e proprietários. As cidades tornaram-se o espaço preferencial da produção e circulação das mercadorias, do trabalho assalariado, cujas empresas de diferentes setores da economia dependem para produzir e lucrar; nas cidades também estão os espaços de moradia, onde se estabelecem vínculos sociais, de produção e fruição da cultura e do lazer; as cidades, que acolhe a diversidade, têm o potencial para desenvolvermos os atributos que nos fazem humanos, com nossas capacidades criativas, de solidariedade, empatia e tantas outras. Mas, ao longo do tempo, o conflito de interesses foi ficando mais agudo.

Trabalhadores(as), por exemplo, mobilizados e com mais conhecimento sobre as condições que possibilitam o desenvolvimento do capitalismo, a quem o Estado representa, passaram a exigir melhores condições materiais no espaço de moradia. As lutas e conquistas econômicas avançaram com aquelas por direitos políticos e sociais. Outro caso exemplar de mobilização, são a das mulheres, que trabalhavam nas fábricas e passaram a exigir não só melhores condições de trabalho, mas também o direito ao voto.

Desde então, em poucas partes do mundo, as lutas por direitos, tanto nas fábricas quanto fora delas, se garantiu uma paisagem e uma vida urbana menos inóspita. No Brasil, sempre prevaleceu entre nas elites políticas e econômicas uma visão urbana segregadora, com políticas públicas frágeis, de grande exploração da classe trabalhadora e um ambiente marcado pelo racismo e a violência contra a mulher. Ao atentarmos para a nossa história, identificamos a marca do autoritarismo e do desprezo aos interesses da maioria da população. Essa forma de produzir cidades e de metropolização do espaço urbano assumiram proporções dramáticas. Mesmo o nosso país figurando entre as maiores economias do planeta, a concentração de renda e riqueza brasileira é pavorosa. A resolução do nosso conflito distributivo histórico é ignorada. O Estado implementa uma política de morte, sobretudo à população negra e juvenil; as mulheres são vítimas de todo tipo de violência, que é estimulada por agentes estatais e passa a ocupar diferentes dimensões da vida; o trabalho, com tamanha precarização, se assemelha ao trabalho escravo; o racismo estrutural agrava a nossa desigualdade material e simbólica. Toda a diversidade cultural, nossos avanços e conquistas, nos hábitos e costumes, são ameaçados por ideias e valores retrógrados, de total desrespeito à vida e à alteridade que ela traz em si.

Não obstante tantas violações, temos muitas lutas, ações de solidariedade e conquistas. A riqueza das agendas, do ativismo e da militância estão nas cidades e em nossas metrópoles. Enfrentam questões ligadas à vida imediata, ao cotidiano, ao trabalho, e, simultaneamente, pavimentam o caminho para uma sociedade diferente da atual. É desse conjunto de contradições, vitórias e utopias, que pretendemos juntas(os) abordar, refletir e ampliar a nossa disposição e animação para garantir a vida. Portanto, contamos com a sua participação para esta empreitada urgente e necessária que ajudará a fortalecer nossa práxis.

## **1º** 26 de janeiro, das 19h às 21h30 **Problemas urbanos, vida na cidade e conflitos territoriais**

A proposta do encontro é aprofundar a reflexão sobre as principais questões e conflitos que assolam a região metropolitana do Rio de Janeiro e marcam o cotidiano dessa população. Símbolo da desigualdade e da segregação socioterritorial, nosso espaço urbano é atravessado pela violência e problemas relacionados à habitação, à mobilidade urbana e às questões ambientais, entre tantos outros. As sobreposições dos marcadores de classe, raça e gênero no panorama dos problemas urbanos e conflitos territoriais complexificam a análise e delimitam quais as populações e territórios mais sofrem. Através de exemplos históricos e recentes, buscaremos demonstrar o permanente processo de disputa e de lutas pelo direito à cidade.

- **Responsável:**

Bruno Alves de França (Educador da FASE e Doutorando em Serviço Social)

- **Coordenação:**

Aercio Barbosa de Oliveira (Educador da FASE e Mestre em filosofia)

## **2º** 27 de janeiro, das 19h às 21h30 **Sujeitos coletivos, lutas urbanas e imaginários de cidade**

O encontro irá debater sobre a crise da institucionalidade democrática e as transformações do tecido associativo. Além das tradicionais lutas urbanas por abastecimento de água, tratamento de esgoto, transporte, moradia e regulação fundiária, nos últimos anos ondas de protestos explodiram nas grandes cidades do Brasil e do mundo e impuseram desafios para agenda do direito à cidade. Os sujeitos coletivos que movimentam esses protestos apresentam uma nova gramática política, táticas de ação e agenda de luta bastante heterogênea. Para além da ocupação dos espaços públicos o uso da internet e das redes sociais se destacam como elementos fundamentais para mobilização social, disputa de narrativas e proteção dos próprios sujeitos. Também parece haver uma postura não só identitária, mas de valorização do território contra as políticas neoliberais. Diante da baixa legitimidade do sistema democrático, da heterogeneidade entre os sujeitos e da riqueza das agendas defendidas por cada um deles buscar a intersecção entre territórios, gerações e saberes pode nos ajudar a construir outros possíveis imaginários de cidade, cidades anticapitalistas onde a vida esteja no centro. Essa reflexão tem por base os aprendizados da Fase sistematizados no livro “A luta popular urbana por seus protagonistas: direito à cidade, direitos nas cidades” (2018) bem como no trabalho cotidiano de ajuda humanitária realizado durante a pandemia (2020).

- **Responsável:**

Caroline Rodrigues da Silva (Educadora da FASE e Doutoranda do Serviço Social)

- **Coordenação:**

Aercio Barbosa de Oliveira (Educador da FASE e Mestre em filosofia)

## **3º** 28 de janeiro, das 19h às 21h30 **Diversidade, interseccionalidade, e encruzilhadas urbanas**

O uso do termo interseccionalidade tem ganhado os debates acadêmicos e sido mobilizado para interpretar situações nas quais diferentes eixos de opressão se cruzam para definir a condição de subordinação e de desvantagem de determinados grupos, tais como mulheres negras, Lgbtqia+, populações indígenas e quilombolas, etc. Contudo, pouco se faz uso do termo para pensar nas possibilidades de organização e construção de estratégias políticas que privilegiem esse olhar de “encruzilhada”. Para a realização deste encontro, abordaremos a gênese do conceito de interseccionalidade, dando ênfase a sua vinculação ao histórico de luta das mulheres negras; utilizaremos seus princípios definidores para debater a ocupação do espaço urbano, particularmente favelas e periferias; e exploraremos os usos possíveis do termo na interpretação da conjuntura brasileira nas estratégias de luta gestadas pelos coletivos e movimentos urbanos.

● **Responsável:**

Rachel Barros de Oliveira (Educadora da FASE e Doutora em sociologia)

● **Coordenação:**

Caroline Rodrigues da Silva (Educadora da FASE e Doutoranda do Serviço Social)

**4º** 29 de janeiro, das 19h às 21h30  
**Trabalho das mulheres, informalidade e o mundo da moda**

Nos últimos anos tem crescido as denúncias sobre o modelo de negócio que estrutura a produção e o consumo da moda em âmbito global. Do plantio do algodão à costura de uma blusa o processo é marcado pela degradação e pela indignidade. Em que pese a importância de tais denúncias, a grande maioria não reconhece as dimensões estruturais de gênero e raça que estão na base da exploração e opressão deste segmento econômico que, contraditoriamente, é feito principalmente por e para mulheres. Assim sendo, queremos refletir coletivamente sobre as estruturas e dinâmicas que produzem e reproduzem as condições de precariedade no trabalho e na vida das mulheres que trabalham como costureiras (em suas casas ou em pequenas oficinas informais), em particular nos contextos urbanos, com vistas à construção de processos e lutas para a transformação de tais condições e, consequentemente, a constituição de um campo de direitos que possam ser acessados e usufruídos por essas mulheres. Para fazermos essa reflexão crítica iremos nos basear em pesquisa realizada pelo Fundo SAAP com 250 costureiras em Pernambuco e no Rio de Janeiro (2019), bem como em conceitos e categorias de análises que nos auxiliam na compreensão das várias dimensões que organizam a produção e o consumo no universo da moda e seus efeitos opressivos e explorador na vida das mulheres.

● **Responsável:**

Taciana Gouveia (Educadora da Fase e Mestre em Sociologia)

● **Coordenação:**

Caroline Rodrigues da Silva (Educadora da FASE e Doutoranda do Serviço Social)

**Certificado de participação:**  
haverá certificado de participação  
para quem comparecer, no mínimo,  
em seis oficinas (75% de participação).

